

JOSÉ LINS, CRONISTA

Valdemar Cavalcanti

Foi como jornalista que conheci José Lins do Rego, aí por volta de 1927 — quando ele ainda nem imaginava, talvez, que viria a tornar-se o grande romancista do Nordeste. Lembro-me bem: fiscal de banco, de bengala, monóculo e costeletas, chegara ele a Maceió e se pusera a escrever artigos assinados no *Jornal de Alagoas*. Aqueles estudos sobre a conversão poética de Jorge de Lima e a respeito do *Salomão e as Mulheres*, que se lêem no *Gordos e Magros*, foram dos primeiros que publicou. Por sinal que criando logo, em torno de si, um ambiente de inquietudej e excitação. É que, afeito à polêmica literária e ao panfleto político, não se mostrava o paraibano do Pilar nada disposto a emitir pontos de vista com panos mornos nem discutir guardando as conveniências. Ao contrário; era um destabocado, que fazia questão de não falar com meias-palavras, não tendo papas na língua para referir-se a coisas ou pessoas que não fossem de seu agrado. “Escrevia” — disse ele — “com uma paixão de quem acreditava no que escrevia, com uma impávida sinceridade, dizendo tudo o que queria e o que pensava com a ênfase dos meus 25 anos”.

A atividade constante de jornalista só veio a interromper em Alagoas, quando se dispôs a levar ao papel o *Menino de Engenho*, sua primeira obra. “Vou escrever um livro, uma espécie de memórias” — confessou-me certa vez. E logo em seguida passou vinte e poucos dias só cuidando mesmo do livro, fora da banca do jornal, escrevendo de manhã cedo — a letra miúda e quase ininteligível,

num caderno escolar — e lendo tudo de tarde para mim, à sombra de um caramanchão de praça pública, em voz alta, às vezes espantando até as crianças por perto com os gritos que dava. E o que fez com *Menino de Engenho* — esse afastamento temporário do jornal — repetiu com *Doidinho* e com os demais livros. Ele era um que não podia misturar as duas coisas — jornal e ficção: quando engravidava de um livro, era só do que cuidava — dessa gravidez e do parto.

Tenho a impressão de que José Lins tinha tão vivo interesse pela atividade jornalística, primeiro para dar vazão à sua extraordinária capacidade de viver intelectualmente, e, depois, também, por que — amando a vida com aquela paixão de todas as horas e de todos os momentos, como foi a sua, e o jornal refletindo a vida em flagrante — num ambiente de jornal ele se sentia bem à vontade.

José Lins fez com mais constância, por torça de suas preferências naturais, um tipo de jornalismo literário: artigos e crônicas sobre temas de cultura. O que se passava no mundo das letras e das artes, aqui e ali, isso era sempre assunto de sua predileção. O livro que acabava de sair do prelo, a idéia lançada por um escritor ou por um grupo de escritores, a estréia de um poeta, um novo prêmio concedido — tudo era material para os seus comentários. Davam, pois, as suas leituras um alto rendimento imediato. Foi assim nos tempos de Maceió, quando o conheci, e assim foi nos últimos tempos. Ele disse uma vez e não cansou de repeti-lo: “Continuo a acreditar na literatura como em coisa substancial à vida e essencial para a grandeza do homem”. Crença que foi mantida acesa e intacta ao longo de sua existência.

Quero prestar, neste ponto, um testemunho pessoal: poucos escritores brasileiros liam tanto quanto José Lins do Rego. Aquele que parecia um desorganizado, um sem método nenhum para as coisas, era homem de ler sistematicamente suas duas, três horas por dia. Era capaz de passar a manhã toda agarrado a um livro. Assim é que pôde acompanhar de perto o movimento literário do País. E o bom da literatura francesa, em particular, e da literatura espanhola, não lhe foi desconhecido. É só ver os volumes que lá estão, na sua biblioteca: todos eles abertos, amassados pelo manuseio, muitos deles riscados a torto e a direito, com anotações à margem.

Há um volume de crônicas de José Lins quase ignorado do público, porque lançado à rua por um editor bissexto e, além de bissexto, extravagante: um editor que, em vez de guardar, como fazem outros, os originais dos livros, parece que guardava a sete chaves os próprios livros retirados do prelo. Tanto que é hoje difícil descobrir por aí um exemplar dessa obra, que, no entanto, sob certo aspecto, considero bastante significativa — além do mais, por ter tido mesmo um tão estranho destino de órfã. Esse livro intitula-se *Poesia e Vida*.

Um fato expressivo: José Lins se preocupou a sério e constantemente com os fenômenos da poesia. Ao contrário de tantos críticos militantes, que habitualmente — e talvez devêssemos até dizer graças a Deus — fogem do assunto como o Diabo da cruz, ele sempre demonstrou o mais vivo interesse pelas fontes poéticas genuínas, pelos problemas específicos da poesia, pela ação dos poetas. E poucos, no Brasil, terão escrito páginas às vezes tão lúcidas e compreensivas sobre temas tão delicados e ariscos. Poucos terão apreendido tão bem os mistérios da criação poética.

Nesse terreno, José Lins acertava em cheio: ligava a poesia à vida, não entendendo uma que não fosse reflexo da outra. Poesia para ele tinha de ter *húmus* de vida — ou não era poesia, mas apenas floreio de arte poética ou simples capricho de caligrafia literária. Poeta que fizesse belos versos mas impassíveis, duros embora perfeitos, como se trabalhasse com pedra e não com palavras úmidas de sangue e mesmo de suor humano — esse não era de seu agrado. O fundamental, a seu ver, é que o poeta tivesse ímpeto, frescor e garra. Que extravasasse vida em seus versos, não ficando preso a regras secas de compêndio. Que não ficasse inerte no jogo da composição pura — mas sentisse tudo e fizesse os outros sentirem.

Sempre que tinha oportunidade, batia nessa tecla, ao escrever sobre poetas ou sobre poesia. E nenhum poeta brasileiro realmente significativo deixou de merecer sua atenção. Veja-se, a propósito, o que ele nos deixou acerca de Augusto dos Anjos, de Gonçalves Dias, de Junqueira Freire, de Jorge de Lima, dentre os mortos; de Manuel Bandeira, de Carlos Drummond de Andrade, de Augusto Frederico Schmidt, de Ledo Ivo, de Tiago de Melo, de tantos outros, vivos.

As notas e pequenos artigos que espalhou pela imprensa — em grande parte, de resto, legítimas miniaturas de ensaios — constituem, no conjunto, um depoimento importante: o depoimento sempre espontâneo de um homem que sabia, a seu jeito, pesar e medir as coisas. Constituem uma espécie de diário em cujas páginas José Lins registrava reações diante das circunstâncias de seu meio e de sua época; páginas que ele não trancava na gaveta, para esconder dos olhos ávidos dos contemporâneos, mas antes se apressava em divulgar, para que não ficassem a *flo* certos aspectos de sua personalidade.

E é de ressaltar ainda a unidade de pensamento estético de José Lins, à vista de suas crônicas de jornal: o que ele dizia aos 22, aos 25 anos, a propósito das ligações da vida com a literatura, a respeito da humanização da ciência, acerca de linguagem e estilo, sempre haveria de repetir a cada passo, com insistência que não era a do pastor à cata de prosélitos. É que ele tinha, quanto àqueles temas, pontos de vista assentados e idéias que não variavam ao sabor das modas,

mesmo enfrentando o perigo de se tornar monótono. Mas, em literatura, como na vida mesma, há uma coisa pior que repetir idéias, sentimentos ou frases: é não ter o homem idéias, sentimentos ou frases para repetir, ou por haver variado demais ou por haver secado.

*

Exatamente porque tinha olhos e ouvidos para ver e ouvir a vida em derredor de si, o romancista de *Fogo Morto* tornou-se no Rio uma espécie de cronista da cidade: aquele que seria capaz de denunciar o estrago que faziam os urubus na paisagem da lagoa Rodrigo de Freitas; capaz de alertar prefeito e vereadores quanto a determinado projeto de lei que poderia vir a prejudicar interesses do povo; capaz de botar a boca no mundo contra uma derrubada de árvores, contra um ato injusto ou uma iniciativa infeliz.

Tornaram-se por isso populares, em certa época, lidas com avidez por um público numeroso e fiel, as suas "Conversas de Lotação" — um tipo diferente de crônica: flagrantes de diálogos colhidos em viagens de lotação. Conversas que teriam sido apanhadas no ar e fixadas com todo o frescor de naturalidade, nisso entrando muito da arte do romancista.

O estudioso que estiver interessado em observar, a distância, determinados instantâneos da vida carioca, uma coisa que terá de fazer é ler as crônicas de José Lins em *O Globo*, por exemplo. Assim como hoje se vai a Machado de Assis — o Machado de *A Semana* — para saber o que se passava no Rio de seu tempo, de usos e costumes da época, de fatos políticos e literários, tem-se de ir ao José Lins dos vespertinos para colher-se documentação acerca de certas características do cotidiano da cidade.

*

Desde que os esportes e particularmente o futebol se incorporaram ao quadro de suas cogitações normais e preocupações cotidianas, José Lins tornou-se cronista esportivo. Durante muito tempo, manteve em *O Jornal* e também no *Jornal dos Esportes* uma coluna viva e palpitante, às vezes de um tom acidamente polêmico, sobre assuntos de esportes. O título, o melhor que poderia encontrar, no seu caso: "Esporte e Vida". Porque suas crônicas, dois dedos incisivos de prosa, refletiam aquela idéia de que o esporte é vida, reflexo de vida, cintilação de vida; e naquilo que a vida tem de mais belo, constante e característico — o sentido de movimento, mutação e disputa.

Contudo, não era sobre tudo o que fosse esporte que ele gostava de es-

crever. Do que ele gostava mesmo era do Flamengo — do que era expressão de esporte e, conseqüentemente, expressão de vida do Flamengo.

Numeroso era o público desse José Lins da crônica esportiva. Isso porque ele sabia louvar, na medida, os ídolos da cancha; reproduzir conversas com os dirigentes; incitar a torcida para um jogo decisivo; chorar, como qualquer um da arquibancada, dois pontos perdidos numa peleja, ou, pela vitória, dar baile nos adversários; e, também, futucar o Diabo com vara curta, puxando briga com gente de proa, aí usando as suas manhas de polemista e a sua veia satírica.

Havia quem, a princípio, não compreendesse isso: essa paixão desadorada de José Lins pelo esporte e, dentro do esporte, por um clube. Como podia um homem de letras da sua categoria sair de seus cuidados, botar de lado suas ocupações normais, os seus livros prediletos, os seus romancistas e poetas da maior admiração, e largar-se para um campo de futebol, atrás de emoções que deveriam ser só da massa?

Os que consideram — e são tantos ainda hoje! — a carreira literária como uma carreira de padre, com voto solene e sacrifícios supremos — achavam, naquela época, que ia naquilo um pouco de exibição. Idéia falsa, que com o tempo se dissolveu, desde que José Lins demonstrou, na prática, não tirar proveito daquilo; nem proveito literário nem, muito menos, proveito político. A não ser que queiramos considerar proveito o fato de ter ele alcançado uma espécie de posto de observação sobre a natureza humana e estabelecido contatos de que resultaria, afinal, um romance em que podemos hoje vislumbrar algumas de suas páginas mais ricas de substância psicológica: o *Água-Mãe*, aquele romance em que ele narra a história de um craque, sua grandeza e suas misérias, seu esplendor e sua decadência. De fato, foi por ver e ouvir muita coisa em campos de futebol, foi por captar muitas verdades cruas e até amargas que circulam pelas sedes de clubes e de federações, pelos vestiários de jogadores e pelos lugares onde se reúnem dirigentes e cartolas, foi por haver obtido na fonte esse material admirável de conteúdo social e humano que pôde escrever o *Água-Mãe*.

*

Foi nos últimos anos que José Lins descobriu o encanto de viajar. Deu então para andar por seca e meca — e com tal freqüência que bem poderia ter iniciado uma série de "Conversas de Avião". Como era um visual por excelência, um guloso de paisagens, que gostava de ver terra, gente, bichos, tudo, passou a escrever para jornal as suas impressões de viagem. Uma delícia de crônicas, em parte já reunidas em coletâneas e que não podem passar despercebidas ao crítico

por acaso interessado no estudo da personalidade do nosso grande romancista do Nordeste.

Era ainda a vida, nos seus instantâneos melhores e mais característicos, pela cor local e pelo calor humano, o que ele procurava sempre gravar em suas páginas por onde ia passando.

Curiosa a maneira como José Lins se sentia viajante. Na nota introdutória de *Gregos e Troianos*, que ele considerava "livro de um míope que precisa fixar-se mais nas coisas para senti-las melhor", dizia ele: "O míope não olha os homens e os fatos com rapidez. Pelo contrário, procura o mais que pode demorar a vista, ajudada pelas lentes, no que corre em sua frente. No processo de ver do míope entram mais os outros sentidos do que na visão dos normais. Às vezes os ouvidos ajudam os míopes a registrar as suas impressões. Olhos e ouvidos conjugados. Desde que me ponho a escrever sobre criaturas e paisagens a confusão de todos os sentidos me dá das realidades miragens que se humanizam profundamente".

O José Lins viajante e cronista de viagem, por outro lado, conservava intacto o espírito de solidão, que é inerente ao autêntico viajante. Aquele espírito que se mantém íntegro mesmo no meio da multidão, indiferente ao movimento em redor e surdo aos rumores, por maiores que sejam o movimento e os rumores. Espírito que possibilita ao escritor uma visão pessoal mais nítida de tudo, sob perspectivas que não são nunca as perspectivas rasas e banais do viajante comum.

Não sei de outro escritor brasileiro que soubesse tão bem fixar, em dois ou três traços, uma imagem de terra ou gente estranha. A fisionomia de uma cidade, o estilo típico de vida de uma população, José Lins focalizava com precisão e rapidez impressionantes. E para descrever um amanhecer ou um pôr-do-sol em qualquer parte da Europa, as árvores e flores deste ou daquele lugar, as peculiaridades de usos e costumes de certas comunidades da Grécia, Itália ou Inglaterra, ali estava aquele que dera às palavras luz, cor e som para descrever os amanheceres do *Santa Rosa* de sua infância, os fins de tarde na *Várzea do Paraíba*, os jasmineiros em flor, as constantes de vida e morte da gente do interior. A mesma, nessas crônicas, a expressão do romancista, com o mesmo sabor sensual da frase. Pois era como um sensual que ele via e sentia a palpitação de vida onde quer que ela se manifestasse. Como um voluptuoso.

Transcrito da obra *Jornal Literário*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1960, p. 237-247.